



A Alma Diante da Máquina: Reflexões sobre a *Magnifica Humanitas* à Luz de Platão, Santo Agostinho e Santa Teresa de Jesus

The Soul Before the Machine: Reflections on Magnifica Humanitas in the Light of Plato, Saint Augustine, and Saint Teresa of Jesus

Leonardo Rodrigues dos Santos

Resumo: O presente estudo propõe uma leitura reflexiva da Carta Encíclica *Magnifica Humanitas*¹ — dedicada à salvaguarda da pessoa humana na era da Inteligência Artificial — em diálogo com três tradições do pensamento filosófico e espiritual ocidental: Platão, Santo Agostinho e Santa Teresa de Jesus. Através do mito da caverna (A República, Livro VII), argumenta-se que o ambiente digital pode constituir uma nova forma de encadeamento ilusório, à qual a educação crítica — proposta pela encíclica como “aliança educativa para a era digital” — oferece uma resposta análoga ao pensamento platônico. A partir das Confissões e da Cidade de Deus, a reflexão agostiniana sobre o “coração inquieto” e sobre as duas cidades ordenadas por amores distintos ilumina tanto a crítica papal às “novas formas de escravidão” digitais quanto a contraposição entre a “cultura do poder” e a “civilização do amor”. Por fim, a imagem do Castelo Interior de Santa Teresa de Jesus serve de chave hermenêutica para compreender o risco de fragmentação da interioridade humana num ambiente de hiperconectividade, bem como a pertinência do discernimento espiritual diante das promessas do transumanismo e do pós-humanismo. Conclui-se que a resposta ao desafio da IA proposta por Leão XIV é, em consonância com estas três tradições, primordialmente antropológica, contemplativa e teológica — e não meramente técnica ou regulatória.

Palavras-chave: *magnifica humanitas*; inteligência artificial; dignidade humana; doutrina social da igreja; ética digital.

Abstract: This study offers a reflective reading of the Encyclical Letter *Magnifica Humanitas*¹ — concerning the safeguarding of the human person in the age of Artificial Intelligence — in dialogue with three traditions of Western philosophical and spiritual thought: Plato, Saint Augustine, and Saint Teresa of Jesus. Through the allegory of the cave (Republic, Book VII), it is argued that the digital environment may constitute a new form of illusory confinement, to which the critical education proposed by the encyclical as a “digital educational alliance” offers a response analogous to the Platonic anabasis. Drawing on the Confessions and The City of God, Augustine’s reflection on the “restless heart” and on two cities ordered by distinct loves illuminates both the papal critique of digital “new forms of slavery” and the opposition between the “culture of power” and the “civilization of love.” Finally, the image of the Interior Castle by Saint Teresa of Ávila serves as a hermeneutical key for understanding the risk of fragmentation of human interiority in a hyperconnected environment, as well as the relevance of spiritual discernment in the face of transhumanist and post-humanist promises. The article concludes that the response to the AI challenge proposed by Leo XIV, in consonance with these three traditions, is fundamentally anthropological, contemplative, and theological — rather than merely technical or regulatory.

Keywords: *magnifica humanitas*; artificial intelligence; human dignity; catholic social teaching; digital ethics.

INTRODUÇÃO.

A primeira encíclica do Papa Leão XIV intitulada “Magnifica Humanitas” se abre com uma imagem tênue:

A Magnífica Humanidade criada por Deus encontra-se hoje perante uma escolha decisiva: erguer uma nova torre de Babel ou construir a cidade onde Deus e a humanidade habitam juntos¹.

Esta não se trata de uma metáfora simples, mas de uma pergunta sobre a identidade mais profunda do ser humano: quem somos, quando somos capazes de criar inteligências que nos imitam?

Esta questão, com todo o seu devaneio contemporâneo, não é nova, ela ressoa, de formas distintas, mas convergentes: Platão, Santo Agostinho e Santa Teresa de Jesus são exemplos disso; três vozes separadas por séculos, mas unidas por uma mesma inquietação: a compreensão do que há no ser humano que nenhuma outra coisa pode substituir.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Platão e a Caverna Digital

No Livro VII da República, Platão imagina prisioneiros acorrentados numa caverna, obrigados a contemplar sombras projetadas na parede e a tomá-las por realidade. A libertação — dolorosa, perturbadora — consiste em virar-se para a luz e descobrir que o mundo das sombras era apenas uma ilusão bem construída.

A Magnifica Humanitas alerta para o que Leão XIV designa de “ambiente digital como espaço de predação”¹: dados pessoais transformados em informação explorável, algoritmos que moldam o imaginário coletivo, sistemas que orientam decisões sem transparência nem responsabilidade. O ser humano contemporâneo arrisca tornar-se, tal como os prisioneiros de Platão, um habitante de sombras — não por ignorância, mas por uma sofisticação que o prende de uma forma sutil.

Para Platão, o filósofo é aquele que sai da caverna e depois regressa a ela para libertar os outros, Leão XIV propõe algo semelhante quando apela a uma “aliança educativa para a era digital” e à “centralidade da escola” como espaços de formação do pensamento crítico, ou seja, é necessário capacitar as pessoas para discernir entre a sombra e a luz, entre o dado e a verdade, entre a imagem e a realidade.

Toda a tecnologia que não se orienta para o belo, o bom e o verdadeiro² — que serve apenas o poder, o lucro ou o domínio — é uma caverna mais elaborada, e aqui o problema não está na IA em si, como o Papa sublinha, mas a direção para a qual aponta:

Na teoria, em si mesma, ela não é uma solução para os problemas da humanidade, assim como não é, em si mesma, um mal; todavia, na prática, não é neutra, porque tem o rosto daqueles que a concebem, financiam, regulam e utilizam¹.

Santo Agostinho e o Coração Inquieto

“Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Ti”⁴. Esta frase inaugural das Confissões é, talvez, o diagnóstico mais preciso da condição humana já escrito. Agostinho conhecia bem o poder das falsas moradas: a ambição retórica, o prazer sensível, as amizades que prometiam plenitude e se revelavam efêmeras; cada uma dessas experiências era, a seu modo, uma forma do coração tentar saciar-se em algo que não tinha capacidade de o saciar.

A encíclica papal identifica nas novas tecnologias uma estrutura similar: o Papa fala de “dependências e controle social”, de “novas formas de escravidão” digitais — expressões que Agostinho reconheceria imediatamente como descrições do pecado: a vontade que se curva sobre si mesma, o amor desordenado que busca o infinito em coisas finitas.

O transumanismo e o pós-humanismo¹ prometem exatamente o que Agostinho passou décadas a procurar nos lugares errados: a superação dos limites, a imortalidade, a plenitude, sendo a IA, nesses projetos, convocada à redenção tecnológica. Leão XIV responde com Agostinho, ainda que sem o nomear: a verdadeira transcendência não é uma conquista do algoritmo, mas um dom da graça. O “mais que humano” que o ser humano genuinamente anseia não é o pós-humano das máquinas, mas o Divino, cujo rosto mais concreto contemplamos em Jesus Cristo, Verbo encarnado”¹.

Há ainda em Agostinho uma dimensão política que a encíclica convoca: na Cidade de Deus, o doutor da fé distingue duas cidades — a de Deus, ordenada pelo amor a Deus até ao desprezo de si, e a terrena, ordenada pelo amor a si até ao desprezo de Deus⁵ — o que é retomado no capítulo V da encíclica no que se refere opor a “cultura do poder” (normalização da guerra, as armas autônomas e a crise do multilateralismo) pela “civilização do amor”; a linguagem é diferente mas a estrutura se mantém a mesma, sendo sempre a de qual amor ordena a cidade.

Santa Teresa de Jesus e o Castelo Interior Ameaçado

Santa Teresa de Jesus, em sua obra Castelo Interior, propõe uma imagem luminosa: a alma humana é como um castelo de diamante ou um cristal muito claro, com muitas moradas, cujo centro — a mais íntima das moradas — é habitado pelo próprio Deus⁶, e o grande desatino é, para Teresa, não entrar no próprio castelo: “Há almas tão enfermas e tão habituadas às coisas exteriores que não há remédio nem parecem poder entrar em si mesmas”⁶.

¹ *Correntes filosóficas que a encíclica examina criticamente no Capítulo III.*

Esta imagem fala diretamente ao nosso tempo. A fragmentação da atenção, a colonização do silêncio interior pelo fluxo contínuo de notificações, a substituição da contemplação pelo consumo excessivo de conteúdos — tudo isso é, “teresianamente” falando, uma forma de permanecer longe do castelo, sem nunca poder entrar. A Magnífica Humanitas evoca esta inquietação quando alerta para o “imaginário coletivo” moldado pela IA e para a urgência de uma “ecologia da comunicação”: um espaço interior que não seja puramente superficial.

Teresa sabia que a porta de entrada para dentro do castelo é a oração — a qual se dá pela via da humildade que, para a doutora da Igreja, é “caminhar na verdade”⁶, ou seja, no gesto de se autoconhecer, reconhecendo virtudes e vícios, acertos e erros. Leão XIV, ao afirmar que a humanidade é “magnífica e, ainda assim, ferida”¹, está a fazer um gesto profundamente teresiano: não romantizar o ser humano, mas também não reduzi-lo; a grandeza está precisamente em quem somos apesar — e através — da nossa fragilidade.

Há um outro eco de Teresa que vale sublinhar: o seu realismo sobre o mal⁷; a mística de Ávila não era ingênua, ela sabia que existem forças que procuram distanciar a alma de Deus, e que o discernimento espiritual não é um luxo, mas uma necessidade. A encíclica, ao chamar o ambiente digital de “espaço de predação” e ao identificar nas “novas terras raras do poder” uma forma de colonialismo contemporâneo, pratica um discernimento análogo: nomeia o que ameaça sem ceder ao pessimismo, porque a última palavra pertence sempre ao Amor que habita o centro do castelo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Magnífica Humanitas inaugura um pontificado com clareza de método e profundidade de conteúdo. Ao encerrar o documento com o Magnificat — o cântico de Maria, que proclama o Deus que derruba os poderosos do trono e exalta os humildes — Leão XIV não se utiliza de uma estratégia ou de um programa tecnológico, mas de uma escolha teológica e poética de grande alcance: um cântico. Platão teria dito que através da contemplação racional da ideia do Bem conseguiríamos nos guiar corretamente, já Agostinho, que é o Amor Ordenado que constrói a cidade de Deus, e Teresa, que é o autoconhecimento a engrenagem primária que mantém aberto nosso castelo interior, ou seja, os três, de formas distintas, apontariam para a mesma convicção que a encíclica subscreve: a resposta ao desafio da inteligência artificial não é, em primeiro lugar, tecnológico mas antropológico, espiritual e contemplativo. Num mundo que produz sombras com eficiência crescente, a tarefa mais urgente pode ser a mais antiga: aprender, de novo, a virar-se para a Luz.

REFERÊNCIAS

1. IGREJA CATÓLICA. Papa (2025- : Leão XIV). **Carta encíclica Magnífica Humanitas**: sobre a salvaguarda da pessoa humana na era da inteligência

artificial. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2026. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/encyclicals/documents/20260515-magnifica-humanitas.html>. Acesso em: 25 maio 2026.

2. PLATÃO. **A república**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 4. ed. Belém: EDUFPA, 2016.
3. AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1999.
4. AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**. Tradução de João Carlos Nogueira e Luiz Marcos da Silva Filho. São Paulo: Paulus, 2023.
5. TERESA DE JESUS, Santa. **Obras completas**. Tradução do texto estabelecido por Tomás Álvarez. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola; Carmelitanas, 2021.
6. CULTURA ANIMI. **Bom, belo e verdadeiro**. [S. l.], 20 set. 2022. Disponível em: <https://www.culturaanimi.com.br/post/bom-belo-e-verdadeiro>. Acesso em: 25 maio 2026.
7. GONÇALVES, Lucas Vilela. A interpretação aristotélica sobre a ideia do bem. **Pensamento Extemporâneo**, [S. l.], 17 set. 2020. Disponível em: <https://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=2807>. Acesso em: 25 maio 2026.

AGRADECIMENTOS

Ao frei Everton Berny Machado, ao frei Nelson Luiz Raimann, a Terezinha de Loudes Matos Moreira e aos meus pais, Silvia Jeane Rodrigues dos Santos e Evandro José dos Santos, meu eterno agradecimento. Deus sabe o quanto vocês foram e são importantes para minha formação humana e acadêmica.